Luiz Francisco Rebello

Teatro de Intervenção

5 peças e 1 prólogo

editorial CAMINHO

letras

Luiz Francisco Rebello

Outubro 1937

Teatro de Intervenção

5 Peças e 1 Prólogo

Título: Teatro de Intervenção

Autor: Luiz Francisco Rebello

© Editorial Caminho, SARL
Lisboa, 1978

Capa e arranjo gráfico: José Araújo

Revisão tipográfica: João Loureiro

N.º de edição: 4/78 33 (115.500) / 14.000

Composição e impressão: Guide-Artes Gráficas, Lda.

Tiragem: 3500 exemplares

Data de impressão: 16 de Janeiro de 1978

NOTA PRÉVIA

Das seis peças em um acto reunidas neste volume, que abarcam um período de exactamente 30 anos (1947-1977), quatro foram escritas sob o fascismo, duas após a sua queda. Muito diversas entre si, técnica e estilisticamente, pois situam-se entre a figuração alegórica e a notação realista, o registo dramático e a clave satírica, suponho que serve de denominador comum a todas elas um propósito de intervenção e protesto, que às quatro primeiras custou, com pitorescos cambiantes de umas para as outras, temporária ou definitivamente, o exílio dos palcos e a segregação do público. Assim, O Mundo Começou às 5 e 47, *estreado em Janeiro de 1947, no segundo espectáculo do Teatro-Estúdio do Salitre, foi proibido de voltar a representar-se depois de o crítico do* Diário da Manhã *ter, solicitamente, delatado o que chamou o seu «demagogismo delirante»;* O Dia Seguinte, *que deveria subir à cena no Teatro Nacional em Abril de 1952, viu a sua estreia anulada na véspera, porque entretanto um semanário de extrema-direita denunciou o escândalo que seria «um comunista no Teatro Nacional», e só depois de vários palcos estrangeiros o acolherem veio a poder representar-se em Portugal, seis anos volvidos;* O Fim na Última Página, *transmitido pela Emissora Nacional em 1958, nunca foi autorizado a subir à cena, excepto, paradoxalmente, em Angola e Moçambique;*

e A Visita de Sua Excelência, *inédita até agora, não chegou sequer a ser submetida à Comissão de Censura, tão óbvio era que esta nunca permitiria a sua representação.*

O destino destas quatro peças parece-me, pois, significativo das condições que o fascismo criou ao exercício da arte dramática entre nós, limitando e impedindo por todos os meios e sob todos os pretextos o seu livre desenvolvimento. Nestas quatro peças denunciava-se a opressão, a insegurança social, a guerra, o arbítrio e a prepotência; o fascismo, que assenta na opressão, que traz consigo a insegurança social, que fomenta a guerra e é inseparável do arbítrio e da violência, não podia evidentemente tolerá-las. Mas repare-se no modo hipócrita como as alvejou: O Mundo Começou às 5 e 47 *foi proibido depois de duas representações para um público minoritário,* O Dia Seguinte, *por causa da alegada opção política do seu autor... Hoje, que tão activas se mostram as forças empenhadas em fazer regressar o nosso país à situação de que o MFA nos libertou em Abril de 1974, penso que não será inútil meditarmos nestes exemplos, para que casos como estes (e tantos outros que atingiram os dramaturgos da minha geração) não possam mais voltar a acontecer.*

Datadas embora (a esperança traída do pós-guerra, a guerra-fria, a ameaça atómica, o começo da guerra colonial constituem o pano de fundo que as condicionou e, de certo modo, explica), admito que elas não sejam inactuais. A luta por uma sociedade livre e justa, em que cesse a exploração do homem pelo homem, e de que o desemprego, a fome, a guerra, a tortura e a violência sejam definitivamente banidos, hoje mais do que nunca exige a mobilização em todos os campos, nomeadamente no da arte e da cultura. A essa luta pretendem estas peças, modestamente, dar um contributo. E considerei que não era descabido juntar-lhes dois textos de mais recente factura, que reflectem duas faces opostas da nossa actual realidade sócio-política: a batalha heróica dos camponeses alentejanos pela defesa

da Reforma Agrária, a criminosa indulgência dos tribunais ante os que foram, durante 48 anos, os carrascos e torcionários do povo português.

E termino esta nota prévia com a citação de um texto de Brecht, cuja oportunidade me parece indiscutível: «Neste tempo de escolhas decisivas, a arte deve também escolher. Ela pode tornar-se o instrumento de alguns, que desempenham junto das massas o papel dos deuses e do destino, e exigem uma fé que tenha como primeira qualidade a cegueira; ou pode colocar-se ao lado das massas e ajudá-las a tomarem o destino nas suas próprias mãos. A arte pode entregar os homens às ilusões e aos milagres, mas pode também entregar o mundo aos homens.»

Para que o transformem e tornem melhor: essa é a escolha que estas peças documentam. E propõem a quem as ler — ou, frequentemente, assistir à sua representação.

prefer H

Novembro de 1977.

Luiz Francisco Rebello